

SOL DA MINHA VIDA

LUZ FELIZ

2021

PERSONAGENS:

Nsunda: a protagonista

Vuvu: mãe de Nsunda

Tadi: irmão de Nsunda

Duki: Pai de Nsunda

Dona Ndona: a anfitriã

Transportador: um congolês que vive na fronteira da RDC e Angola.

Outros emigrantes

(Leki, Mamã Mafuta, Óscar, Davi e Matondo - o casal)

Tontó- marido de Nsunda

Voz off: a pessoa que entrevista Nsunda

1961 Angola-Zaire, várias famílias separavam-se, guiadas pelo instinto de sobrevivência, se quisessem ver seus filhos e filhas imunes da tragédia que assolava suas terras, ou ainda com o futuro melhor de um antigo-combatente frustrado e iletrado. Foi assim que Nsunda com apenas alguns dias de vida foi posta em um pano daqueles feitos na Holanda mas com estampa que representam pedaços da alma de alguns povos africanos.

Mbanza Congo, 2:47 AM...

Noite escura e quente na porta de casa, de saída para viagem...

Vuvu: ka zen zen kalenguila, kiki kalenguilé, kapassa mwana bitotó kassikilaka paff ... (cantava baixo com sua doce voz e aflita, abana-a com um lenço de bolso que Duki usa, na tentativa de acalmar um bebê que não chorava, como se soubesse do que se tratava, como se soubesse que lágrimas é o que não faltava naquele momento).

Duki: já tem tudo preparado para passarem ao outro lago, não levarão roupas, ouvi que o contector já está cheio de gente, esta é a única oportunidade que temos, as tropas estão à caminho, levas só um pouco de mandioca para não te faltar leite no peito, que Nzambe vos proteja... (sem nenhuma demonstração de afecto, se despede demoradamente de sua filha colocou o saquinho de mandioca e em seguida ajuda sua esposa a subir na carrinha que lhes levaria à um lugar escuro, abafado e sóbrio, mas que ao contrário de uma urna, era praticamente a única esperança para suas vidas).

Vuvu: Mano Duki, porquê que não vêm conosco? Onde chega um, chegam dois, três e mais..... (com lágrimas nos olhos e os braços e trémulos, segurando tudo o que lhe restava naquele momento).

Duki: Não fica teimosa mulher, eu sou homem e aguento, Tadi tem que aprender também, precisamos lutar para defender o que é nosso, não podemos fugir e abandonar as nossas coisas como se fôssemos condenados, está na hora de mudar esta situação... (tentando disfarçar a profunda tristeza, dá as costas e some...)

No porto...

Transportador: Façam rápido, rápido! Você aí, encoste mais, onde vocês cinco estão ainda podem entrar mais cinco pessoas (sotaque congolês, falava a gritar, o “transportador de pessoas” era rude e só pensava no quanto lucraria com mais um contentor de pessoas no outro lado da fronteira).

Vuvu : mas, papá, eu tenho uma “bebé fresca” e aqui já está muito apertado, não há mais espaço... a minha filha pode morrer (aflita, se lembra das palavras que disse ao seu marido quando se

despediam) .

Transportador: mamã, está a querer descer? (gritando em tom de ameaça) se acha que está mal fica... o que não falta é mindelé a que querer comer a vossa cabeça... (dá um riso maléfico como se esta situação o agradece).

Ouve - se tiros...

Outros emigrantes: por favor, vamos embora...por amor de Deus, ninguém quer morrer aqui!

Transportador: se organizem, e não esqueçam de deixarem a parte superior aberta para não morrem por falta de ar (caminha para o volante e acelera).

No interior do contentor...

(Sunda com pouco menos de um mês de vida tem a temperatura aumentada, não se sabia se era pelo calor no espaço e já sentia saudades de seu pai)

Vuvu começa a orar e em seguida a chorar ...

Óscar : (um dos emigrantes, o que estava mais tenso) porra! Calem as bocas, cala a boca desta criança, já não aguento mais com tanto choro, deviam ficar lá para serem mortas de uma vez, evitariam tanto sofrimento para vocês e não ouviríamos tanto barulho...

Mamã Mafuta: (a mais velha entre os emigrantes, vestia-se de panos como todas as mulheres daquela região, mas esta usava um daqueles panos na cabeça como ornamento) o que é isso? Também não precisas tratar ela assim, será que a culpa da guerra é dela? Que mal a criança fez para merecer isto? (era uma mulher grande, de voz meia-grave, muito firme em suas palavras e atitude, uma verdade matriarca).

Vuvu : obrigada, mãe (fala baixinho). Já não sei o que fazer com esta criança, ela estava muito bem quando saímos de casa (diz preocupada).

Mamã Mafuta: e o pai ?

Vuvu: (baixa a cabeça, meio cabisbaixa, responde) ficou, é homem tinha de lutar e cuidar da nossa terra.

Mafuta:(olha atentamente) é muito apegada ao pai?

Vuvu: (triste, nostálgica...) tem apenas algumas, nunca ficou longe, coitada, nasceu em tempos de chuvas de balas e foi obrigada a se afastar do calor de seu pai.

Mamã Mafuta: (com um tom sábio) se tiveres aí alguma roupa do pai dela, envolve ela na roupa para que assim sinta o calor e cheiro do seu pai, assim será enganada, vai pensar que está, pois essa febre deve ser de saudades.

(Vuvu espantada, mas não hesita em fazer o que a mais velha lhe aconselhou).

(Meia hora depois, um buraco enorme no meio da estrada causa um um choque, o contentor balança e todos entram em pânico...)

Leki, uma rapariga magra e baixa, a mais jovem entre os emigrantes, é asmática e com aquele susto, sem contar com a tensão da viagem em si, não resiste e entra em uma crise de pânico que complica ainda mais a sua condição...

Um clima intenso na estrada, no meio da madrugada, o contentor que transportava dezena de emigrantes que de Angola para o Congo Democrático infelizmente avaria e agora são todos obrigados a fazer a trilha a pé, inclusive o Transportador para pedir ajuda pois estavam em uma mata...

Na caminhada...

Vuvu: (surpresa) mamã Mafuta, a febre da minha filha desapareceu! Ela está curada, é um milagre. Mas como fica a Leki? Até agora ela não recuperou! E ainda temos muito que andar...

Transportador: (depois de ter dado uma olhada) desçam todos em silêncio, não façam barulho, preciso sair daqui e procurar ajuda, pois já vi que este carro pifou de vez...

Todos: (incrédulos) como assim pifou de vez?

Óscar: (zangado) então o carro já estava estragado?

Transportador (fala baixo) : mais ou menos!

Suspense...um silêncio abraça este momento, os emigrantes descem todos do contentor. Leki continua a tossir, a respirar com muita dificuldade e assim não pode caminhar...

Mamã Mafuta olha para os lados e vê um arbustre que chamam de malulu, uma especie de “cura tudo”, arranca as folhas friccioná-as entre as mãos até sair o líquido nelas, esfregou as suas mãos com alguma pressão passando pelo peito magro e o pescoço magro de Leki, em alguns minutos a tosse e a respiração de Leki já não eram empecilios para continuar com a caminhada..

Começaram uma longa caminhada, e eles não tinham quase nada para comer...

Óscar: vamos descansar um pouco, vou comer um pouco de ntolola que ficou e beber esta água.

Mamã Mafuta: eu trouxe kikwanga e um pouco de kizaka

Vuvu: eu trouxe mandioca, é pouca mas já dá para partilhar, eu acredito que se todos juntarmos o pouco que trouxemos vai ter muito e vai servir para todos

Davi(um rapaz calmo, esposo de Matondo): tem razão mana, é uma boa ideia..

Leki: (envergonhada) eu não tenho nada para comer...

Matondo: nós trouxemos pão e safu, também não é muito, mas como a Vuvu disse, podemos partilhar uns com os outros.

Transportador: eu vou comer o que vocês não conseguirem... (todos olham para ele indignados com tamanha petulância).

Sentaram-se próximo de uma árvore, no lugar mais discreto quem encontraram e fizeram uma roda enquanto comiam...

Mamã Mafuta: Leki, tu és tão nova, como é possível estares a viajar sozinha?

(Leki ficou nervosa e manteu-te em silêncio...)

Vuvu (percebendo o constrangimento da rapariga e decide responder): eu estou aqui por causa desta maldita guerra que não nos deixa em paz, mas que, de certo modo é necessária para que nossos filhos tenham uma vida diferente da nossa (diz olhando para a Nsunda em seu colo) e principalmente diferente da que os nossos pais tiveram, a colonização é um mal que precisa ser extinto, como pode que outros seres humanos queiram ser deuses e se achem superiores aos outros por conta da cor de pele ou só porque vêm de outro continente?

Óscar: mas branco é mesmo branco, se são eles que nos ensinam a palavra de Deus, talvez seja a vontade dele.

Vuvu: apesar de usarem a palavra, nem Deus deve concordar com eles...O problema mesmo são as condições em que somos obrigados a viajar. Eu por exemplo tive de vir sozinha, meu marido e meu filho, tiveram de ficar e concorrer grandes riscos...

Leki: (triste e surpresa) mas porquê que tiveram de ficar, não tinham como pagar para todos?

Vuvu: não era isso, quer dizer não é apenas isto... São homens e tiveram de ficar a combater, a pátria não pede minha menina, ordena! Além disso tinham de cuidar da terra para que se um dia eu

ou a Nsunda voltarmos tenhamos onde ficar, para que não passemos a vida toda colo refugiada, isto se conseguirmos expulsar o colono do nosso país (nostálgica).

Mamã Mafuta: (triste) eu fugi a guerra sim, o tumulto pela resistência ao colono, mas não apenas por isso, também fugi a guerra que faziam contra mim por eu ter herdado conhecimentos sobre medicina natural e espiritualidade da, minha mãe que por sua vez herdou da minha avó. Infelizmente, algo que devia ser visto como benéfica, para nos ajudar, mas é vista como do demônio porque o porquê que nos oprime declarou assim, e preferimos usar o que eles trouxeram, como a cura, como se antes disto não vivessemos e sobrevivessemos

Davi: sou filho de um pastor evangelico com muito poder na aldeia, onde Matondo e eu vivíamos, mas aconteceram algumas situações que nos deixaram mais vulneráveis e a família teve de se separar para o nosso bem, além disso(fica triste e fala tom mais baixo que do começo, que era médio, mas não termina)...

Matondo: além disso nossas famílias eram praticamente rivais devido a diferença nas crenças, então esta criança que está no meu ventre não seria me vinda...(diz isto quase lacrimejando)

Davi: além disso recebemos um ultimato de que devíamos abandonar a aldeia de uma das tropas de resistência colonial... Acho que apesar de ser uma luta justa muito dos nossos irmãos também têm se aproveitado para fazer das suas...

Vuvu (para evitar que se fique no clima pesado): e tu Óscar? Qual é a tua história?

Óscar (com alguma agressividade) : eu não tenho nada para contar, me deixem comer em paz...

Leki(finalmente ganha coragem e começam a falar em um tom tão baixo que até árvores tinham de parar de se balançar para que lhe podessem perceber): eu fugi de casa...

(Silêncio)

Leki (prossegue falando mais alto depois de tossir): eu fugi de casa, na verdade aquela já não era a minha casa, meus pais são falecidos e meu tio se apoderou da casa, felizmente na zona em que eu vivia não tinha tanta confusão por causa da guerra.

Matondo(curiosa): então o que te fez fugir?

Leki (com a voz afônica e já lacrimejando): é que quando comecei a viver com o irmão do meu pai é a minha vida virou um inferno, enquanto eu só tinha 10 anos de idade.

Matondo (calmamente) seja o que for que aconteceu, saiba que a culpa não é tua e que não és obrigada a falar se não quiseres.

Leki (toma coragem, mesmo chorando diz): já guardei este segredo por mais de cinco anos, não aguento mais esconder, na verdade já não posso viver com isto.

(Mamã Mafuta abraça Leki sem lhe dizer nada)

Leki: meu tio deitava em mim...(silêncio) minha tia ouvia os gritos mas não dizia nada, pelo contrário, também abusava de mim me obrigando a fazer todos os serviços domésticos e por vezes até me deixava com fome... Na aldeia onde eu vivia não tinha tantos colonos mas eu fui colonizada pelo sangue do meu sangue

(Mamã Mafuta abraça mais forte, os choros de Leki ficam mais altos)

Depois de Leki revelar tal segredo e pôr-se a chorar, as três outras mulheres se aconchegam a ela e apoiam sem precisar dizer nada, choram com ela em um gesto de soridade...

De facto o clima fica pesado, então...

Transportador (comovido): daqui a nada amanhece, então acho que podemos descansar um pouco antes de retornarmos a nossa caminhada...

Feçam os olhos por mais ou menos uma hora e logo despertam com um grito alto e agudo...

Matondo(aflita, grita): ahmm! Aiiii...minha mãe... Socorro!! Minha mãe...

Todos levantam, assustados e preocupados, alguns nem tinha adormecido...

Mamã Mafuta (preocupada): o que se passa?

Matondo: acordei toda molhada e com fortes dores...

Óscar (menosprezando) : hown pensei que fosse algo mais grave, pensei até que tínhamos sido invadidos...

Matondo (em pânico): onde está o meu marido? Daviiii! Onde está o meu marido, eu vou vou morrer...

Matondo: Calma, vai correr tudo bem, tenta respirar soltando o ar pela boca, se concentra nesta respiração...

Vuvu (fala baixo e aflita): aperta as minhas mãos caso as dores fiquem mais fortes, por favor expira pela boca, tenta controlar a respiração, nós estamos aqui vai correr tudo bem...

Matondo (chora e grita): eu quero o Davi perto de mim, onde está o meu marido, minha mãe!

Leki (agitada): calma mana, o Davi foi com o Transportador a procura de água para beber aqui próximo, eles não demoraram já voltam...

Óscar (assustado): já vi que a coisa está a ficar séria, acho melhor ir procurar água com os outros homens...

Neste exacto momento Nsunda começa a chorar alto e isto deixa Matondo ainda mais em pânico. Matondo desmaia no meio do trabalho de parto.

Mamã Mafuta (aflita): ela não pode desmaiar precisa estar acordada...

Leki(em pânico): mamã, o que posso fazer?

Mamã Mafuta: Xixi!

Leki(espantada): como???

Mamã Mafuta: isto mesmo, usa um dos pratos que usamos e mija trás o xixi...

Vuvu: faça o que a mamã Mafuta está a dizer, não fiques teimosa(dando de mamar a sua filha e tentando acalma-la para que o momento seja menos pesado)

Leki(incrédula) : está aqui, mamã.

Mamã Mafuta pega o recipiente que era na verdade um copo e não um prato, e encosta no nariz de Matondo e ela acorda devido o odor da urina...

Vuvu(enquanto entrega Nsunda à Leki calmamente): Matondo, se quiseres salvar o teu bebé tens de te manter acordada e fazer algum esforço, por favor...

Mamã Mafuta: Leki, as coisas do Transportador estão aí?

Leki(sua respiração já está ofegante): sim, mamã!

Mamã Mafuta: pegue a faca e o seu isqueiro...

Vuvu, continua segundo as mãos de Matondo para que ela se sinta segura e motivada para aguentar as contrações...

Mamã Mafuta observa o canal vaginal e dá as orientações final, corta o cordão umbilical com a faca aquecida com isqueiro do Transportador, tira o pano que estava em sua cabeça e cobre o bebê de Matondo e coloca em seu colo...

Os homens chegam...

Davi(corre em choros de tão emocionado em direção a Matondo): graças a Deus, Rei dos reis, só tu és Deus, obrigada por tamanha benção! (Abraça levente Matondo que ainda está no chão e com poucas força).

As mulheres preparam o banho de Matondo, e logo depois continuam a caminhada mesmo depois de tão pouco tempo de parto, mas também já não faltava tanto para chegarem em Kinshasa...

Depois de 30 minutos a caminhar, encontram um posto médico arrojado em uma aldeia entre as duas grandes matas..

Davi: a nossa caminhada foi longa, e nós não podias ter melhor companhia que a a vossa, obrigada, muito obrigada mesmo , que Jesus Cristo encha a vossa vida de bênçãos e vos proteja sempre...

Matondo (cansada e pálida) : por enquanto não podemos continuar a caminhada, eu não vou resistir mais se continuar a andar.

Davi (preocupado): por favor, poupe esforços... Vamos ficar por aqui e tão logo ela melhore procurarei pelas pessoas a quem me foi indicado aqui...

O Transportador: felizmente também terei de ficar para ver ajuda e tentar recuperar o carro que ficou depois da fronteira... Vocês já não estão na minha responsabilidade.

Óscar (irritado com o tom petulante do Transportador) : tudo bem, mas vais dar algum dinheiro ao Davi e a esposa para que consigam ao menos se virar por aqui (já segundo os bolsos do Transportador)

Transportador (não resiste) : tudo bem, tudo bem, és muito confusionista, assim já és o mais mau? Está aqui (dobra as notas e entrega discretamente a Davi)... vocês só têm de atravessar mais esta floresta que está a vossa frente e chegarão a cidade, mas precisam ter cuidado ...

Comeram um pouco do que algumas pessoas sensibilizadas com o trajecto que passaram ofereceram e levam também água, alguns até trocaram de roupa.

A caminhada continua com os quatro restantes emigrantes... Pelo caminho os olhares eram constrangedores, mas para um sobrevivente poucas coisas de facto incomodam...

Leki: por favor andem um pouco mais lento por favor, estou com dificuldade de respirar...

Mamã Mafuta: beba um pouco da água que restou Óscar e Vuvu, esperem um pouco!

(Óscar para aborrecido)

(Vuvu estava distraída pensando em seu filho e no seu marido então não ouviu chamado de Mafuta continuam andando e deu um passo em falso e cai em um lago com palhas ao alto como se fosse armadilha e grita)

Vuvu: meu Deus!! Me ajudem, a minha bebé está na costa , ela vai morrer!

(Todos entram em desespero)

Leki: vamos pra lá, a mana precisa de ajuda!

Mamã Mafuta: a bebé!!

Óscar correu imediatamente para socorreu ela... (Nsunda estava amarrada com pano na costas e se afoga, o lago tinha lama no fundo)

Óscar(atentamente): calma, Vuvu, precisas ter calma, não podes fazer muito esforço, senão te afogas mais...

Vuvu chora profundamente, despertada sem saber como agir...

Vuvu:(fala baixo) por favor, salva a minha filha é tudo que te peço!

Óscar (segura um tronco fino mas resistente e aponta para Vuvu): você vai salvar a tua filha, segura o tronco ...

Vuvu segura e Óscar puxa por ela...

Vuvu: Socorro, a minha filha...(chora desesperadamente enquanto tira ela na costas).

Óscar, segura a criança sacode ela, assim como acontece em partos em que a criança ingere líquido amniótico)

Vuvu: Óscar, eu não sei como te agradecer, não sei o que faria se tu não estivesses aqui...

Óscar: não precisa, eu imagino que perder um filho deve ser como perder uma mãe, a dor é enorme e eu perdi há dois dias, por não estar com ela e ter ido perder meu tempo nesta coisa chamada guerra (finalmente Óscar fala do que lhe afligia).

Nsunda, que dormia enquanto a mãe tinha caminhava, agora chora alto , dão para ela água e restabelece depois de mamar o peito da mãe ...

E assim seguem o caminho e finalmente, Chegada em Kinshasa... chegam a praça da cidade de Kinshasa....

Vuvu: família, aqui eu seguirei o meu caminho... Não sei como poderia e agradecer por tudo... Nem parece que nos conhecemos em menos de 24h...

As três mulheres abraçaram-se prometeram procurar uma a outra assim que possível...

Quando chegaram em Kinshasa, Vuvu teve de se separar de mamã Mafuta e dos outros, perderam os contactos e ser acolhida por Dona Ndonga que foi indicada por um tio comerciante que viajava frequentemente ao Congo Democrático...

Donga Ndonga (uma velha que falava calmamente e a cada palavra que tirava parecia tirar na verdade o manancial e saberes)- Vuvu, estás a ver essas terras?

Vuvu-Sim, mamã.

Donga Ndonga- eu herdei do meu quinto marido, infelizmente não tenho filhos para cuidarem dela como eu gostaria, meus 10 partos se foram em terra, e não foi por causa da guerra de tiros, mas por conta da inveja das famílias dos meu sexto marido falecido que entendi que tudo que eu tinha era dele e por isso teriam de receber tudo, mas eu não permiti, e acho que é por conta disso que agora adoço sem parar, não te posso dar as terras porque talvez eu te transmita esta maldição, mas VC e a sua filha Nsunda, são bem vindas e podem usar as lavras para o cultivo, os animais para tirar o leite e os rios para se banharem, enquanto eu estiver viva, acreditem, nada vos faltará...

Nsunda cresceu nessas terras como se fossem suas, brincando em cada floresta ou rio, como assim tivesse sido nascida, estudo e aprendeu as línguas mais predominantes do Congo Democrático como toda e qualquer criança congoleza...

Passaram-se anos e anos, e Nsunda pode crescer junto de seus pais e irmão, pois houve uma grande invasão das forças coloniais na aldeia em que eles viviam e foram obrigados a passar um tempo no Congo Democrático, mas depois deste tempo puderam regressar à Angola e continuar a terer direito sobre as suas terras, graças ao tempo em os mesmos resistiram tomando conta de cada hectare que lhes pertencia, enquanto Vuvu criava Nsunda a solo e em um solo estrangeiro...

Vuvu, nunca se sentiu em casa apesar de ter sido tão bem recebida por Donga Ndonga que acabou por falecer por doenças que os que até os médicos desconheciam, o que fez Nsunda pela primeira vez

em sua vida perceber que não estava em casa, pois, depois da morte de Dona Ndonga, todas as regalias que de algum modo se beneficiavam desapareceram...

Ndonga, aconselhada por sua mãe e por conta do contexto em que viviam, se sentiu obrigada a viver em união de facto com um dos sobrinhos do ex-marido de Dona Ndonga, o Tontó, o que herdou a casa em que viviam...

Vuvu: Ndonga, minha filha, apesar da independência do nosso país de origem Vuvu: Ndonga, minha filha, apesar da independência de Angola, o nosso país de origem, as coisas ainda não estão fáceis lá, e pelo jeito que as coisas vão aqui talvez o melhor seja aceitares o que Tontó te tem proposto.

Ndonga: (calma e receptiva) mãe, na verdade se isto é o que deve ser feito para que continuarmos em segurança aqui, assim será...

Tontó era um jovem vaidoso, gostava de ostentar e estar nas melhores festas da cidade de Kinshasa...

Anos depois, numa bela manhã...

Ndonga: (chateada) Tontó, estou a tua espera acordada desde ontem...

Tontó (ainda de ressaca): tudo bem, eu sei, mas e agora?

Ndonga (nervosa e continua chateada): esqueceste que temos dois filhos e estou grávida? Tu não deixaste dinheiro nenhum para comermos...

Tontó: eu sei mas e agora?

Ndonga: como assim e agora?

Enquanto a minha mãe esteve aqui, sempre foste um esposo exemplar, depois dela ir, te tornaste num monstro, insensível, agressivo, o que se passa contigo afinal.

Tontó, está deitado no Luanda no quintal, dormindo porque está cansado, suas noites têm sido longas, seu corpo depois de amanhecer já não lhe pertence pelas horas que se mantem activo, apesar de já não ser tão novo, Tontó, tem diferença de mais de 10 anos com Ndonga, e nesta altura Ndonga já estava bem próximo dos 30 anos...

Ndonga volta a ver Leki, e agora é uma espécie de tia para si, conversa com ela e pede conselhos...

Leki: todos os olhos são assim, devias ser grata por teres um marido que volta todas as manhãs, independente do estado em que está...

Nsunda: (incrédula) mas tia, mesmo sem alimentar as crianças e várias vezes levantar as mais pra mim...

Leki: mesmo assim, ele é o homem, e não esqueças que tu aqui és estrangeira, não tens nada, a única coisa que deves procurar fazer é orar e jejuar para que ele mude...

Nsunda: mas como assim tia? Se quem está mal é ele, não seria ele a procurar ajuda?

Leki(num tom irónico) e quem está a sofrer por isso? Também é ele?

És muito teimosa, e saiba já que não fica bem uma mulher se separar do marido porque quer...

Nsunda: querer? Como? Os meus filhos estão doentes, desnutridos, como é que posso querer isto?

Como é isto pode ser normal? Nem lavra mais temos para capinar e colher alguma comida, porque ele decidiu vender para gastar em apostas, noites e bebidas...

Leki: minha filha, eu estou a te dar conselhos que dou as minhas filhas, uma mulher simplesmente nunca pode abandonar o seu lar...

Infelizmente, Leki estava certa, e no contexto em que viviam uma mulher não tinha muito valor se fosse solteira, quantas vezes separada, grávida e com dois filhos desnutridos. Além disto tudo refugiada e pobre. Todos diziam-lhe que ela devia agradecer por ter Tontó como marido, como se ele estivesse a fazer um favor para ela...

Meses se foram e noutra bela manhã...

Nsunda:(num tom calmo, mas seguro) Tontó, estou a me despedir de ti...

Tontó (incrédulo, sorri e debocha): como assim? Já queres morrer? E vais com as crianças num inferno ou quê?

Nsunda, não responde... Simplesmente continua sua trajetória com seus três filhos no braço e outro em seu ventre...Nsunda, não escolheu invão este dia para se ir com seus filhos, Tontó tinha recebido o dinheiro de uma aposta, Nsunda juntou com as economias que fez e decidiu viajar com seus filhos, apesar das discriminações que sofreria por ser mãe separada...

Tontó nunca acreditou que aquela mulher indefesa, submissa e compreensível até que ele praticamente fez um favor ao fazer-lá sua esposa, seria capaz de uma tomar uma decisão tão importante e simplesmente realizar.

Mas existem coisas que Nsunda jamais imaginou...

Nsunda: sempre imaginei Angola de uma forma diferente, sempre pensei que meu povo me abraçaria mais do que o que me acolheu quando eu nem sabia quem eu era, mas não foi assim, o facto de ter vindo do outro lado da fronteira foi motivo até de violência física, além das verbais, por me vestir de acordo a cultura em que sempre vivi, por comer o que como e como como, e por falar as línguas e do jeito que falo, tenho na verdade pena dos meus filhos, não sei o que será deles, se também serão espancados por ter nascido no Congo ou só ouvirão nomes perjorativos e acusações surreais como os que dizem que quem vem do outro lado é canibal...

Nsunda- É uma dor enorme viver isto na pele, preferia que minha mãe me tivesse simplesmente contando...

Mas se perguntarem se me arrependo, eu direi que não, nada fiz para merecer a forma como me tratam, pelo contrário, eu tenho direito de usufruir desta terra...

Nsunda, cultivava a terra de seus pais assim como aprendeu em Kinshasa enquanto cuidava as terras de dona Ndonga, não superou a discriminação, mas começou um negócio de permuta de hortaliças com outros bem de primeira necessidade e alimentos variados para criar poder garantir uma saúde melhor para seus filhos... Filhos esses que abandonaram-na num asilo na primeira oportunidade que tiveram... Neste intervalo ela imigrou para Luanda, a capital, a procura dum futuro melhor para seus filhos e sobrinhos, quem ela criou e residiu a sua vida ...

2021, Luanda

Nsunda está sozinha sendo entrevistada por uma voz off em uma sala do Beiral, no Rangel...

Voz Off: que idade a senhora tem?...

Nsunda(já com alguma dificuldade de expressar as palavras, devido um AVC que teve e pelo sotaque francófono): agora em Maio faço 60.

Voz off: que recordações tem da guerra? Se tiver alguma , é claro!

Nsunda: sinceramente são poucas, porque praticamente “nasci” no RDC, em uma terra que não pertencia mas fui acolhida. Mas lembro que existiram épocas de muito fome e que solidão, principalmente quando a nossa anfitriã, dona Ndonga faleceu.

Voz Off: acha que por ser mulher as coisas para si, foram mais difíceis? Ou menos fáceis?

Nsunda (pensa durante alguns minutos e responde): ter nascido menina talvez tivesse me livrado na possibilidade de regressar e lutar em outras guerras, em contra partida, me deram poucas possibilidades para pensar em outras. E conseqüentemente foram guerras mais extensas, e até hoje, aqui continuo a lutar-las.

Voz off: porquê está sozinha aqui.

Nsunda(bem humorada): sozinha nunca, tenho vários companheiros por aqui, algumas mulheres com histórias parecidas, outras nem tantos. Sabe, até tenho um “amigo especial” (com um leve sorriso).

Voz Off: mas e a sua família?

Nsunda(com mais seriedade): ser mulher e ser velha é crime. Ganhas “poderes especiais” e isto pode dar medo a quem te rodeia. Inclusive, podem te acusar de coisas que nunca viste (termina a fala triste, e com a voz num tom mais baixo).

Voz Off: pelo que sabemos, a discriminação marcou a sua vida... (não termina a fala e faz um silêncio).

Nsunda: o ser humano tem vários conflitos consigo mesmo, mas como somos espelhos acabamos por ver eles nos outros. Os mais velhos diziam que “a nossa casa será sempre a nossa casa e que não saberemos onde vai água no telhado se não frequentamos a outra coisa”. Nem tudo é exactamente assim, há coisas muito mais complicadas do que parecem, outras tão simples mas que é preciso ter olhos para ver.

Voz off: gostaria de dizer mais alguma coisa?

Se levanta da cadeira e dá voltas pela sala, o silêncio cresce e a voz retorna...

Nsunda- por vezes queria voltar a ter a ingenuidade que tive enquanto vivia no Congo e não me deixar envenenar por tantas coisas amargas como o desprezo da minha gente e o julgamento por ter saído em um relacionamento abusivo, em ouro, e no outro também, ou como abandono que vivi ao longo dos anos pelos que tinham o mesmo sangue que eu, mas apesar de ter precisado de sessenta

anos para aprender, eu aprendi, não existe no universo uma vida que substitua a nossa mesma, um sacrifício que valha ela, que as pessoas que mais amamos podem ser as que venham nos odiar depois, que entre todos os planetas a volta de, nós somos o sol...

FIM

Mindele - pessoa caucasiana em lingala.

Kikwanga - alimento feito a base de mandioca enrolado em folhas.

Ntolota - alimento feito a base de mandioca enrolado em folhas mais seco e de tamanho mais.

Safu - fruto silvestre abundante no norte de Angola.